

III. ALTERIDADE CONTRA HOMOGENIZAÇÃO

A Alvorada e o Crepúsculo do Homem: A Propósito da Psicologia Evolutiva Grupal de Trotter e Bion

Nuno Torres

The riddle traditionally attributed to the Sphinx is an expression of man's curiosity turned upon himself [...] curiosity has the same status in the myths of the Garden of Eden and the Tower of Babel - it is a Sin.

Bion, 1963; *Elements of Psychoanalysis*

Unfortunately the problem is complicated by a fact...that the analytic procedure itself is precisely a manifestation of the curiosity, which is felt to be an intrinsic component of the disaster

Bion, 1957; 'On Arrogance'

PRÓLOGO

O texto que aqui apresento, a seguir a este prólogo, resultou com pequenas alterações de uma comunicação apresentada originalmente em Inglês na Group Analytic Society de Londres em Novembro de 2004 a convite de Malcolm Pines, depois da publicação de um capítulo num livro sobre Bion¹. Não é um texto redigido num formato

¹ Torres, N. (2003) 'Gregariousness and the Mind. W. Trotter and W. Bion' in Pines, M. and Lipgar, R. (Eds) *Building on Bion: Roots*. London: Jessica Kingsley Publishers

‘normal’; segue uma linha narrativa inspirada na associação livre e na partilha de conhecimento interno; procura intencionalmente deixar também uma impressão de incompletude e perplexidade, de modo a sugerir os ‘buracos negros’ no (auto-) conhecimento humano, bem como o receio organísmico que sentimos quando deles nos aproximamos o suficiente para experimentar a sua força centrípeta².

Publico-o no presente âmbito após um longo e tortuoso processo de exploração tanto teórica como de investigação empírica que durou cerca de quinze anos e que terminou com uma tese de doutoramento (Torres 2007). Considero o presente texto como que um sintoma, sobretudo no sentido da *sobredeterminação do sentido* e é nessa perspectiva que desafio a sua leitura e análise³.

Trata-se da indagação de campos discursivos e ideativos associados a algumas ideias de Wilfred Bion, e com as quais tomei contacto através do Professor Carlos Amaral Dias em Dezembro de 1992 no congresso *Caos e Meta-psicologia* (Dias 1994; Dias e Ribeiro, et al, 1994).

Nesta ocasião, Amaral Dias apresentou uma comunicação que, tanto ao nível do conteúdo como do estilo, deixou uma profunda influência na minha pessoa enquanto jovem e estudante de psicologia.

Eis algumas passagens que considero mais significativas dessa sua comunicação, e que podem servir como portas de entrada para esta espécie de labirinto:

[...] Isto pode então ser considerado como o princípio do método científico, pois este começa quando há alguém que não tem medo de se confrontar com o que assusta o mais profundo do humano.

A afirmação de Buda de que o Homem é radicalmente incurável faz para mim muito sentido. A condição humana pode ser traçada como o meio de uma espécie de cruz, em que de um lado, estão o nascimento e a morte, isto é a vida emparelhada de eternidades, e do outro, está a dupla condição desta imperfeição e incompletude, expressa no sujeito biológico, isto é, no animal falhado e no Deus

² Ver Grotstein (1999).

³ A ideia de *sobre-determinação* em Freud apareceu inicialmente nos *Estudos sobre a Histeria* (Freud, 1895) e na *Interpretação dos Sonhos* (Freud, 1900), onde ele demonstrou que os sintomas psiconeuróticos bem como os sonhos são consequência de vários níveis causais e seguem múltiplas linhas associativas. O termo foi emprestado da geometria onde se define que duas linhas determinam um ponto e três linhas ou mais sobredeterminan-no.

falhado que o homem simultaneamente representa.

[...]

A condição humana é uma condição de transformação da parte biológica, o que acontece, por exemplo, na relação entre o sistema mais primitivo e o neo-córtex, através dos agentes bioquímicos, de mensageiros que actuam permanentemente [...] mas a possibilidade de transformação inerente à condição humana resulta da sua elevada complexidade. Se se ler Morin verifica-se que o homem é um ser para a dispersão, para a dissociação, para a anarquia, o Homem é radicalmente Homem.

[...]

Paradoxalmente, pois, a doença mental, psicológica, constitui uma espécie de cura da incurabilidade.

[...]

Avancemos, pois, agora que quase acordámos.

(Dias, 1994)

CS

O.

Londres, 23 de Novembro de 2004



Este texto é sobre grupos de pessoas, contextos culturais, campos socio-emocionais, pressões sociais; sobre geração de pensamentos e as ausências de pensamento; sobre as estruturas somáticas das emoções, sobre selecção natural, selecção sexual, e sobre sobrevivência e extinção de espécies.

Proporei uma perspectiva radical segundo a qual a ideia de mente 'individual' (ou seja a ideia de mente independente das outras mentes do[s] seu[s] grupo[s]), bem como a ideia de uma mente

‘desincorporada’ (ou seja independente dos fenómenos somáticos do corpo biológico) representam reducionismos falaciosos que dificultam sériamente a compreensão dos comportamentos e dos vectores de motivação humanos.



1.

Porque estamos aqui? Porque estamos vestidos *assim*?

Eu usei um boné da Inglaterra, vivendo na Inglaterra, durante o campeonato de futebol europeu. Eu sou português, os meus amigos portugueses chamaram-me ‘traidor!’. No entanto, eu senti que era melhor atendido do que usualmente no Banco da High Street de Colchester ao lidar com um problema na minha conta, apenas por usar este boné com a cruz de S. George.

Isto é um exemplo do que entendo por ‘campos socio-emocionais’, pressões sociais e a ausência de pensamento associada com eles. Eu não sou um traidor de Portugal. Eu simplesmente desprezo a *mentalidade de grupo* quando ela prejudica o bem-estar e desenvolvimento pessoal dos indivíduos. Talvez num certo sentido retorcido (*‘twisted’*) isto me transforme num traidor.

E pur si muove, como diria Galileu para si mesmo.



2.

Bion (1946, 1948, 1952, 1961) propôs o conceito gestaltista de *campos socio-emocionais* – aparentemente inspirado pela *Psicologia de Campo* de Kurt Lewin que, por sua vez foi inspirada nas ideias de *campos electromagnéticos* de Faraday e Maxwel – para explicar a sua observação da *mentalidade de grupo*. As propriedades dos campos electromagnéticos não podem ser explicadas pela soma do estado individual das suas partículas; em vez disso é o comportamento ‘individual’ das partículas que acontece em função do estado total do campo. Se substituirmos ‘partículas’ por ‘pessoas’ e ‘cargas electromagnéticas’ por ‘cargas emocionais’ teremos a ideia de Bion no final dos anos 1940. (Soa um pouco como o metro na hora de ponta).

E.O. Wilson, infame em certos círculos, famoso noutros, autor de ‘Socio-biologia: a Nova – Síntese’, define esta ideia de uma forma muito clara em 1975 (Wilson 1975: 253):

Os primatas superiores avaliam o comportamento de muitos indivíduos do seu grupo em simultâneo. O animal vive num campo social no qual responde simultaneamente a inúmeros indivíduos, tomando em conta diferentes relacionamentos e frequentemente requerendo compromissos⁴.

Acredito que o que estou a dizer aqui e agora, é dito em função do campo socio-emocional do qual faço parte. Tentarei argumentar que este campo compreende não apenas a minha história pessoal e o meu futuro esperado, mas também milhões de anos de evolução *biológica*, evolução *pré-histórica* e evolução *histórica*.



3.

Mas, mais uma vez, Porque estamos aqui?

Queremos ouvir e ler algo interessante, queremos crescer mentalmente; estamos esfomeados por saber, por discutir, por argumentar, por reforçar o nosso Eu. Isto é o que eu entendo por *contextos culturais*, e os processos de pensamento gerados e facilitados por eles.

Mas a maioria de nós provavelmente não quer ser exposto a demasiada novidade, a coisas demasiado revoltantes...

(silêncio)

Tal como Wilfred Trotter referiu em 1920:

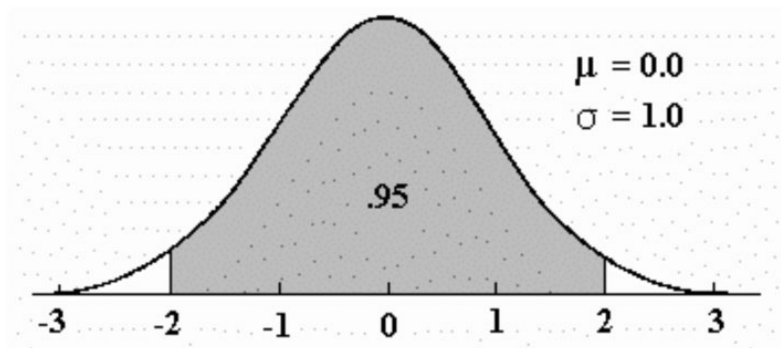
'The mind likes a strange idea as little as the body likes a strange protein and resists it with similar energy...a new idea is the most quickly acting antigen known to science'

A partir desta asserção, Wilfred Bion desenvolveu uma série de reflexões sobre a receção de *ideias novas* pelas mentes e pelos grupos, e sobre os possíveis resultados do conflito com as ideias novas, reflexões estas que estão expostas no seu livro *Attention and Interpretation* (Bion 1970).

⁴ Tradução pessoal, do original: *Higher primates evaluate the behaviour of many individuals within the society. The animal lives in a social field in which it responds to multiple individuals simultaneously, in ways that take different relationships into account and often entail compromise*

Uma das conclusões mais salientes é que as ideias novas ou *transformam* a mente e o grupo, ou tem um efeito destrutivo, ou então são esmagadas pelo *establishment*.

(silêncio [o silêncio pesado da curva normal]).



É por esta razão, penso eu, que acabam por existir sempre dois partidos ou facções dominantes nas sociedades humanas, um mais progressivo (esquerda) e outro mais tradicionalista (direita), de modo a que se obtenha um equilíbrio dinâmico na *polis* entre a novidade e a tradição; de modo a neutralizar os possíveis efeitos nocivos de demasiada novidade ou demasiada tradição⁵. É ainda por esta razão que, normalmente numa sociedade estável, as eleições são ganhas no centro político do *discurso*. As pessoas têm uma tendência ‘instintiva’ para o centro, para o senso-comum, para o meio-termo. Talvez seja por isso que, contra todas as expectativas, ainda estejamos vivos neste planeta, por mais ignorantes que sejamos sobre a história⁶.

Eu tenho boas razões para ser cuidadoso com o que digo aqui. Não quero irritar o Malcolm Pines nem o Bob Hinshelwood, primeiro que tudo porque quero o grau e a posição, mas sobretudo porque me sinto grato a eles. Mas eu também sinto que tenho de dizer algo de provocativo, e provocador de pensamento, assim espero. Para agitar o ‘campo de forças sociais’.

⁵ A este respeito, consultar também o interessante panfleto escrito por Fernando Pessoa em 1919: ‘Como Organizar Portugal’.

⁶ A este respeito, consultar também o interessante texto de D. Winnicott (1950) ‘Some Thoughts on the Meaning of the Word Democracy’

CS

4.

Isto faz-me lembrar um filme Francês da época *nouvelle vague*⁷, o qual não me recordo o nome, sobre um agente provocador. O personagem em questão fazia o que fazia em parte, e sem o saber, em função das inclinações políticas e da personalidade do seu pai. O seu pai era um ex-católico, ex-comunista, e exonerado das forças especiais, que na maturidade se havia tornado um abjeccionista céptico. A maior parte do tempo era ausente e rígido, embora por vezes sorrisse. A frieza emocional vinha-lhe das originas nórdicas e das estruturas genéticas e meméticas⁸ que se desenvolvem nessas paragens rigorosas.

*...The gelid Atlantic waves endlessly chastising the rocky cliffs, so many wrecked ships, drowned sailor's ghosts, salted wild horses in the moor lands, under a sky with the blues, melancholic grey eyes.*⁹

O personagem tinha tentado tudo para extrair *humanidade* (e *paternidade*) do seu pai. Ainda que tivesse tido de arriscar tantas vezes a vida e o Eu nesse processo. Tentando fazer do seu pai um pouco mais uma pessoa do sul, mais de acordo com a mestiça, quente e húmida Marselha onde nascera e fora criado, com a sua *cultura* de extroversão histriónica e super protecção incestuosa.

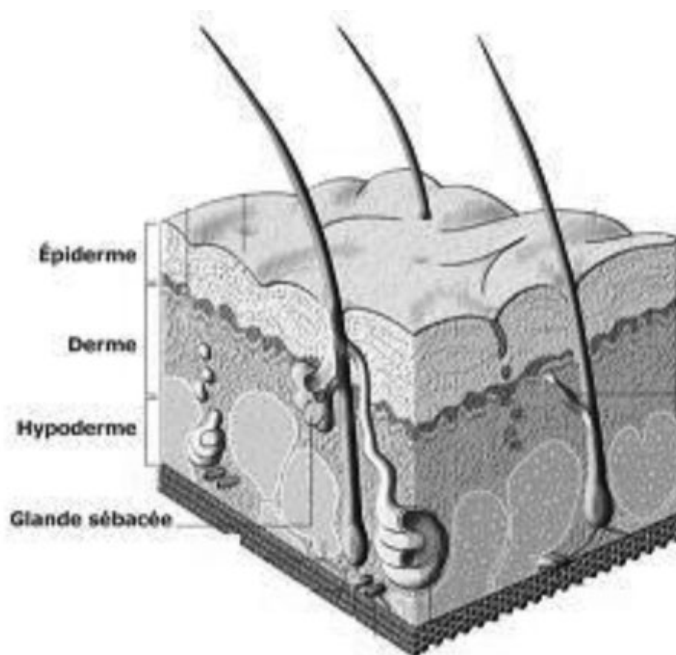
No entanto, a *epiderme* do seu pai, e num grau menor a do próprio personagem de que falamos, era demasiado branca para o 'sun and fun' das praias do mediterrâneo, que os queimavam literalmente aos dois.

Talvez por isso o *corpo* do personagem se sentisse bem nas montanhas do Quebec onde passou alguns anos: os céus cinzentos eram os mesmos da Escandinávia paterna, e não havia aquele calor claustrofóbico do sul de França fazendo-os ferver *por dentro*.

⁷ Segundo uma autor anónimo falando sobre a *Nouvelle Vague* do cinema Francês: 'As características mais marcantes deste estilo são a intransigência com os moldes narrativos do cinema estabelecido, através do amoralismo, presente nos diálogos e numa montagem inesperada, original, sem concessões à linearidade narrativa'.

⁸ As noções de *Memética* e de *Memes* foram introduzidas pelo zoologista Richard Dawkins em 1976 no seu livro *The Selfish Gene*.

⁹ ...*As gélidas vagas do Atlântico castigando sem fim as falésias, tantos barcos destroçados, fantasmas de marinheiros afogados, nas montanhas cavalos bravos salgados, sob um céu triste de azul, olhos de cinzenta melancolia.*



Talvez fosse por isso que a *pressão arterial* cronicamente alta do seu pai tivesse acalmado naquela visita ao Quebeque. Talvez também porque no *campo de forças social* não existissem tantos condutores destravados, bebedores compulsivos de cafeína e vinho tinto, soprando buzinas nas caras uns dos outros.

E talvez a pressão arterial e o risco de ataque cardíaco tivessem diminuído por causa dos momentos genuinamente agradáveis que passaram juntos, pela relação próxima e descontraída que *nasceu* entre eles, 30 e tal anos depois do personagem ter nascido, e talvez ainda tudo isto porque os irmãos do personagem tivessem dado ao pai do personagem quatro netos, o que, se combinarmos a variável *r* da equação de Hamilton (1964) sobre aptidão inclusiva (*inclusive fitness*):

$$“rB-C>0”^{10}$$

¹⁰ Sendo que *r*= probabilidade que um gene escolhido aleatoriamente do mesmo locus seja idêntico na descendência; *B*= Benefício reprodutivo adicional ganho pelo recipiente de um acto altruístico; e *C*= Custo reprodutivo para um indivíduo realizando o mesmo acto.

com as ideias de Lifton (1979) sobre a elaboração psíquica da consciência da mortalidade, tornava os dois um pouco mais imortais, *simbolicamente* falando.

De facto, e agora falando *literalmente*, foi o agrupamento genético [*genetic pool*] da família que deu um passo a mais na imortalidade através dessas crianças.

Aquelas crianças representavam uma *salvação* ternurenta para o avô.

De acordo com os Neo-darwinistas (ver Wilson 1975), são estes fenómenos que explicam o altruísmo nas criaturas da terra, e também, em parte, os comportamentos auto-destrutivos e auto-sacrificiais (Catanzaro 1986).

08

5.



Gostaria que pensassem acerca de Salmões por momentos.

Salmões bravos, no seu habitat natural, e não salmões de viveiro.

(A propósito, não comam salmão de viveiro. Um homem entrevistado no outro dia no noticiário da BBC disse algo muito interessante sobre este assunto:

‘Quando eu dou salmão de viveiro ao meu gato, ele recusa-o. Talvez o meu gato saiba algo que eu não sei...’.

Também eu aprendi imenso com minha gata Brownie, e ao vê-la interagir com pássaros, ratos, outros gatos, e pessoas.

E era tão bom se os humanos ronronassem; isso tornaria o amor muito mais simples).



6.

Mas voltando ao personagem de que falava, e ao sangue a ferver por dentro.

A concentração e o estado de certas moléculas no interior do corpo físico fazem também parte do *campo socio-emocional*. Karl Popper (1977) apelidou esta possibilidade de ‘interacionismo psico-físico’; considero que é uma solução epistemológica elegante para a clivagem entre materialismo e idealismo iniciada por Platão, Aristóteles, e tristemente consolidada pelo Monsieur René Descartes. Com a solução Popperiana, a completude do processo é restaurada, como que por um processo alquímico. Aconselhado vivamente.

A este respeito, Walter Cannon, o pai da investigação sobre o *Stress*, afirmou o seguinte (Canon 1939):

Many times in the history of philosophy and sociology similar questions have led to an examination of the analogies between the body biologic and the body politic [...] Steady states in society as a whole and steady states in its members are closely linked.



7.

Seja como for, peço desculpa aos presentes pela intrusão dos meus afectos pessoais no texto acima. Eu não estaria a escrever dessa forma num outro *contexto cultural*, num outro *campo socio-emocional*, tal como por exemplo numa conferência ‘asséptica’. Mas numa conferência ‘asséptica’ eu *poderia* dizer o seguinte:

Eu estou a pronunciar conjuntos complexos de sons. Quem construiu a minha laringe?

Não fui eu, não foram os meus pais, e eu não acredito que tenha sido Deus. Foi um processo bio molecular epigenético guiado pelo meu ADN. Sendo assim, em parte quem construiu a minha laringe foi a selecção natural, provavelmente assistida pela selecção sexual.



Também os *Homens de Neandertal*, agora extintos, tinham laringes e gargantas incríveis. Dizem os especialistas que eles tinham laringes de cantores de ópera, e que deveriam cantar imenso.

Imaginem um homem ou uma mulher de Neandertal a fazer melodias através da sua laringe, como um grande bebé a experimentar fazer os seus próprios sons. Estes sons são ‘coisas em sí-mesmas’, fenómenos mentais *não processados*, elementos ‘beta’ para usar a terminologia de Bion (1962, 1967, 1970, 1978, 1992); sons estranhos que emergem da garganta, sons diferentes de tudo o que esses homens primitivos podiam ouvir na natureza.

O que é que esses sons significam? O trovão significa chuva, o rugir do tigre significa morte e dor, o vento nas árvores significa frescura no verão e frio no Inverno. Mas estes sons, o que significam eles?

❧
8.

‘Graças a deus’ que quando nós, humanos contemporâneos, nascemos, existia já uma *cultura* (contexto cultural) de milhares de anos

cheia de palavras, de semânticas e semióticas para nos dizer o que cada *coisa* é suposta significar; uma *cultura* cheia de ‘elementos alfa’ partilhados e *públicos*, usando a terminologia de Bion (1967). Talvez seja por isso que ainda estamos vivos neste planeta e os Neandertais não estão; porque temos muitas palavras, e das palavras (*words*) para as espadas (*swords*) é apenas uma questão de tempo, assim como é uma questão de tempo desde ter uma espada (*sword*) até conquistar o mundo (*world*).

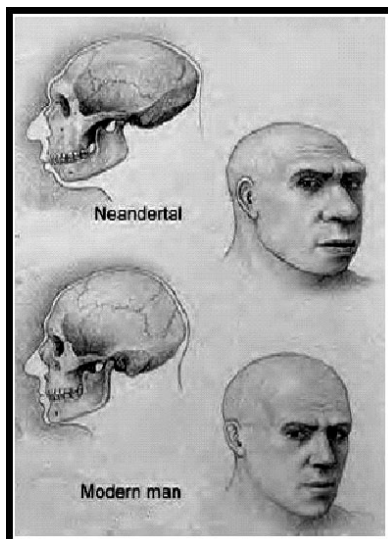
Quem foram os artesãos das palavras que usamos todos os dias? Não fomos nós mesmos, não foram os nossos pais, não foram os deuses... De alguma forma podemos dizer que as palavras, algumas palavras, são *imortais*, ou sejam, transcendem a mortalidade dos homens e das mulheres,

tal como certos *genes*,
tal como certos *deuses*.

✂

9.

O que significam os tais sons a que me referia, para os homens e as mulheres de Neandertal? Eles emergem do seu interior; esses sons devem significar qualquer coisa, tal como os seus impulsos internos significam sempre qualquer coisa, tal como suar, sangrar, os arrepios e a ‘pele de galinha’, as lágrimas, e a comichão significam sempre alguma coisa.



Fala 'um Neandertal':

Que efeito tem estes sons que eu faço nos outros? Despertam sorrisos? Outras expressões faciais? Aproximação física? Risos? Fazem-nos mostrar os dentes? Franzir as sobrancelhas? Consigo usar os sons para obter a resposta desejada dos outros?

Será que posso fazer o sol nascer com o meu canto, tal como os galos fazem? Porque é que não funciona com os meus sons? Será que é o galo que faz o sol nascer, terá ele capacidades mágicas, ou adivinha quando o sol está quase a nascer e apenas canta nessa altura?

Que efeitos tem estes sons nela?

Os ursos afastam-se quando grito muito de uma certa maneira, não me atacam. Eu descobri isto acidentalmente, uma vez em pânico, e é por isso que ainda estou vivo. Eu ensinei este som a toda a minha tribo, e a partir daí nós passámos a fazer estes gritos e uma espécie de dança teatral a cada vez que a lua assumia a mesma forma que tinha naquela manhã quando o nosso pai velho foi morto por um urso enquanto defendia as crianças. Nós fazemos isto como uma espécie de prática, para praticar esta defesa sonora contra os ursos, mas também como um ritual para não nos esquecermos do pai velho e lhe prestarmos homenagem.

*Mas infelizmente, este som não funciona contra aqueles tipos fraquinhos sem pêlos e de cabeça grande (comentário; o homem de Neandertal está-se a referir a 'nós', *homo sapiens sapiens*); eles roubam-nos e espancam-nos não importa o quanto eu grite. Eles tem paus voadores que nos atingem à distância, antes de nós os podermos apanhar e esmagar os seus frágeis ossos com as nossas mãos.*

Este Inverno tem sido terrivelmente hostil.

Eles mataram toda a minha tribo por comida e por peles.

Eu enterrei os meus bem-amados com as minhas mãos, acariciando-os pela última vez.

Agora estou sozinho. Sinto um som terrivelmente doloroso a emergir do interior do meu corpo. Sinto-me algo aliviado quando o ponho para fora de mim pela garganta e ele ecoa nos vales como o ribombar de um trovão.

Consigo ouvir os tipos fraquinhos sem pêlo cabeçudos tentando

fazer o mesmo som lá em baixo no vale; parece quase que partilham do meu desgosto, e isto é estranhamente reconfortante.

Eles são imprevisíveis, por vezes tão simpáticos: tocaram-me com ternura e curiosidade em certas ocasiões; por vezes são implacavelmente maus, pior do que lobos: já os vi matarem-se brutalmente uns aos outros



10.

Bion referiu em 1970 (Bion 1970: 66):

The inescapable bestiality of the human animal is the quality from which our cherished and admired characteristics spring.

Se somos tanto da ordem da besta, e somos de facto, como podemos ser simultaneamente tão ternos, sonhadores e espirituais?

Tal como acontece com outros animais, nós sonhamos porque adormecemos profundamente, até à fase REM (Rapid Eye Movement) do sonho. Especialistas em etologia propuseram que, tal como certos símios, nós podemos deixar-nos adormecer tão profundamente porque não tememos predadores. O nosso grupo protege-nos.

O papá e a mamã protegem-nos; depois, a família e os amigos da família protegem-nos; depois, os deuses protegem-nos, depois toda a vila com os seus muros e os seus deuses e as suas famílias protegem-nos, e depois perdemos todas as preocupações com a sobrevivência imediata e deixamo-nos cair num sono pacificado, profundo, abençoado...e sonhamos.

Aprendemos, e resolvemos tarefas complexas inconscientemente enquanto sonhamos, o nosso cérebro tenta fazer sentido da incrível complexidade do mundo através dos processos intuitivos e criativos dos sonhos; psicólogos cognitivos (re)descobriram isto em experimentos laboratoriais aseticamente controlados.

Alem disso podemos satisfazer os nossos *desejos* em sonhos e em fantasias, descobriu o velho Sigmund Freud. E se nos estivermos a sentir bem connosco próprios podemos ser verdadeiramente felizes por momentos nos nossos sonhos e fantasias. E essas experiências oníricas abençoadas podem inspirar-nos a perseguir a felicidade na realidade.

Penso que escrevemos poesia e canções pela mesma razão, porque a poesia e as canções são uma espécie de sonho acordado.

(cantando devagar):

*I stepped into an avalanche, it covered up my soul (...)
If you wish to conquer pain you must learn what makes me kind¹¹*

(Seria engraçado se os psicoterapeutas cantassem, tal como os curandeiros Navajo, quando alguém está doente de desgosto).

Como referiu o poeta Paul Celan ‘a poesia é impossível depois de um holocausto’. Só sonhamos e fazemos poesia quando somos gregários, espertos, e maus o suficiente para não temer predadores. Não estou a dizer ‘somos maus’ num sentido individual; nem todos somos ‘maus’, alguns de nós são muito pacíficos, pacifistas, outros altamente inocentes e naif. Eu refiro-me a ‘nós’ num sentido grupal, social, e enquanto espécie, enquanto tribos, enquanto nações. Sem exércitos estamos expostos aos abusos de outros grupos de humanos e à predação por outras espécies.

A sofisticação deliciosa de uma ópera de Mozart num teatro de uma capital europeia com o *creme de la creme* da alta-sociedade burguesa repousa sobre a escravatura, a exploração económica impiedosa e o assassinio planeado. Será isto uma manifestação da tão falada ‘hipocrisia social’? Ou será apenas a forma como as coisas são? quero eu dizer, a forma ‘natural’ das coisas acontecerem (‘Nature’s way’). Não concordo que isto seja aceitável, mas acredito que temos de reconhecer estes fenómenos se queremos compreender verdadeiramente a humanidade.

Provavelmente também os lobos sonham, e talvez o uivar à lua cheia seja uma forma de culto poético.



11.

Continuando a asserção de Bion anteriormente citada (Bion 1970: 66):

‘Man is a political animal’ means that he has the mental counterpart of the physical characteristics of a herd animal (...) Birth, dependence, pairing and warfare – these are the basic situations to which the basic emotional drives correspond

¹¹ Leonard Cohen: ‘Avalanche’.

A aparente estranheza destas ideias tem origem no seu mestre Wilfred Trotter, o qual, logo em 1916 tinha tido como objectivo explicar certos fenómenos psico-sociológicos com a ajuda da biologia evolutiva

A qualidade gregária ainda não foi aceite como sendo um facto definitivamente biológico que deve ter consequências tão definidas e uma significância tão clara como a secreção do suco gástrico ou a refração do olho (Trotter 1916: 21)¹².

Bion levou este tipo de considerações ao extremo na sua ‘Memória de Futuro’, tal como por exemplo (Bion 1979: 87):

*Eu não tenho dúvidas do ‘facto’ religioso enquanto parte inalienável do carácter humano. Já observei um rato a assumir aquilo que aparentava ser uma atitude de submissão religiosa enquanto era torturado por um gato que o havia apanhado.
Será isto o impulso religioso? Ou será apenas uma atitude que aprendemos dos animais – e que tomamos quando nos vimos numa situação desesperada¹³*



12.

Sabemos hoje, para além da dúvida razoável, com os trabalhos de Karl Popper e Gerard Edelman entre outros, que a mente é primeiro que tudo uma *ferramenta* para a sobrevivência (como as garras, o pêlo, os músculos, os órgãos sexuais,...). A mente com as suas propriedades complexas: linguagem, teorização, maravilhamento, questionamento, memória, comparação sistemática, julgamento, planeamento, focagem da atenção; a mente guiando as acções e os movi-

¹² Tradução pessoal do original [gregariousness] was not at all widely looked upon as a definite fact of biology which must have consequences as precise and a significance as ascertainable as the secretion of the gastric juice or the refracting of the eye

¹³ Tradução pessoal do original: I have no doubt of the ‘fact’ of religion as (...) an unalienable part, of human character. I have even seen a mouse assume what looked like an attitude of religious beseeching when being tortured by a cat that had caught it. Is that a religious impulse? Or is it an attitude we have learned from animals - to take when in a hopeless situation - (Bion, 1979, p. 87).

mentos corporais em geral, a mente guiando projectos de vida inteiros.

De notar que o prazer e o Gozo, enquanto propriedades mentais, também são úteis para a sobrevivência: quanto mais gozamos a vida, mais tentamos permanecer vivos.

Nós, os ‘fraquinhos sem pêlo cabeçudos’, pomos as mesmas questões que o nosso pobre vizinho Neandertal. Somos ambos Homens, somos ambos *homo sapiens*. A certo ponto do processo da existência da consciência nós apanhamo-nos a nós próprios a pensar; *homo sapiens sapiens*, aquele que se interroga porque é que se interroga.

E apenas cérebros grandes como os nossos, enormes, poderiam produzir e aguentar questões como estas. Quando eu digo ‘aguentar’ quero dizer ‘tolerar’ em termos de Bion: tolerar a incerteza, tolerar a vertigem abissal dos pensamentos, das ‘não-coisas’. É desta forma que eu interpreto a enigmática asserção de Bion segundo a qual os pensamentos são anteriores ao aparelho de pensar.

Mas ao mesmo tempo, só cérebros muito deficientes, ao mesmo tempo que muito complexos, seriam capazes de esquecer a ‘procura’ e evacuar/aniquilar os próprios pensamentos na tentativa de se livrar do enjoo e da vertigem que eles mesmos produzem; só cérebros muito deficientes poderiam ‘mandar fora o bebé com a água do banho’. Apenas cérebros improvisados pela natureza, feitos ‘em cima do joelho’: um córtex cerebral assente em cima de um sistema límbico de ave, designado apenas para cuidar eficazmente das crias, que por sua vez assenta em cima de um *cerebelo* de réptil, designado apenas para se mover, manter a temperatura e matar eficazmente.

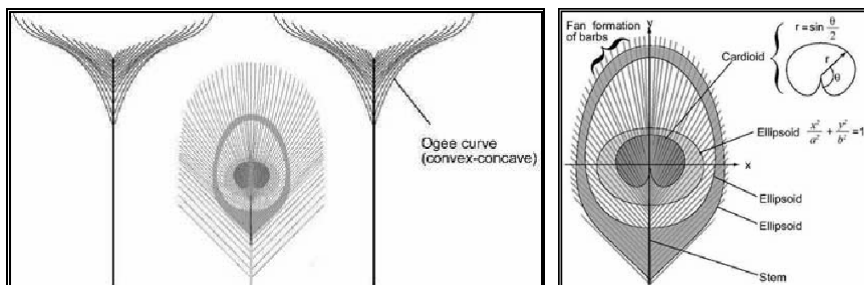
os

13.

Uma das últimas teorias interessantes sobre a evolução biológica dos nossos cérebros grandemente complexos é que isso tem tudo a ver com sexo (Miller 2000): cérebros complexos foram aprimorados por *selecção sexual*, um dos mecanismos propostos por Darwin, a par do mecanismo de *selecção natural*.

O mecanismo da *selecção sexual* consiste na selecção de características não por pressão ambiental mas por escolha dos parceiros sexuais e reprodutivos. É um mecanismo muito mais rápido do que a selecção natural uma vez que a característica seleccionada cresce em cada geração. Um exemplo de uma característica deste tipo é a abstrusamente grande cauda dos pavões. Parece que as caudas ten-

dem a atrair as pavoas. Deste modo a cauda dos pavões macho tende a crescer em cada geração mesmo se o ambiente exterior permanece igual.



O problema é que a característica seleccionada pode crescer tanto que acabe por se tornar desadequada e assim eventualmente conduzir à extinção da espécie, se os factores ambientais mudarem demasiado rapidamente. Os predadores e as presas detectam facilmente caudas demasiado grandes, elas prejudicam a fuga e a caça, e requerem imensos nutrientes (Cartwright, 2000).

É bastante conveniente que nós pessoas apenas tenhamos de nos vestir como pavões em ocasiões especiais.

Questionava Bion em 1952 (Bion 1952: 247):

History of life on this planet shows that decay of a species is often associated with over-development of some portion of its organism...is there a possibility of similar over-development of mental functioning?

Mas seja como for, que mal poderiam fazer cérebros grandes?

Bom, para começar, o nascimento prematuro aos nove meses, uma vez que na nossa evolução o tamanho da cabeça aumentou mais depressa do que a envergadura das ancas das mulheres. Todos os bebés nascem prematuros, num estado fetal (Blomfield, 1987; Dias, 1992).

Apesar dos machos humanos *em geral* preferirem fêmeas com ancas mais largas, as fêmeas em geral preferem machos com as costas mais largas do que as ancas; no entanto ambos os sexos preferem parceiros de reprodução mais espertos, inteligentes, com sentido de humor e conscienciosos (Cartwright 2000). E assim o cérebro foi crescendo, e crescendo e crescendo.

(Novalis, o poeta alemão, tinha escrito algo como ‘a mente é a mais importante zona erógena’)



CS

14.

O nascimento prematuro pode favorecer todo o tipo de ‘problemas’ mentais, uma vez que o sistema nervoso é afectado directamente pelos estímulos do mundo exterior e as suas agressões antes de estar minimamente desenvolvido para as processar.

Este problema junta-se a uma enorme capacidade que os cérebros grandes tem para construir ferramentas, mudar o ambiente natural, desequilibrar ecossistemas, e criar destruição em larga escala.

Ferramentas construídas para controlar a realidade *externa*, mas não para entender as realidades *internas*: emoções, sentimentos, sonhos, pensamentos.

Ferramentas para a *avidez*. Como Bion brilhantemente descreveu, a avidez (*greed*) pode ser vista como simultaneamente uma forma de negar e uma compensação para a dor mental envolvida no conflito entre o ódio e o amor, entre a agressão e o aleitamento.¹⁴

¹⁴ Tive a oportunidade de desenvolver algumas reflexões mais detalhadas sobre este tema no texto ‘Objecto Excitante, Messianismo e Janelas de Oportunidade para a Portugalidade’ apresentado na Conferência ‘Zé Carlos em ‘O’’, em Dezembro de 2007.

Ferramentas para tolos ('tools for fools'):

Se a atenção na *realidade externa* é reforçada e monopolizada por fantasias onnipotentes de negação da *realidade emocional interna*, tal como Melanie Klein descreveu no seu conceito de *defesas maníacas*, os humanos não passam de cegos e ávidos super-primatas com 'caudas de pavão'.

Se for assim, que 'deus' nos ajude pois estamos no *caminho da perdição*.

O que é muito pior do que o *caminho para 'lado nenhum'*, a *terra do nunca* (neverland) das crianças e dos poetas. Prefiro a *terra do nunca* à *terra devastada* (wasteland).



15.

Será esta ideia catastrófica apenas uma sombria fantasia dos meus pesadelos infantis? Muito provavelmente sim.

As vivências de pesadelo infantis podem transformar certas áreas da mente em desertos de gelo e medo, e a projecção e a identificação projectiva fazem o resto; apesar de ser também 'verdade' que certas 'verdades' só podem ser acedidas por identificação projectiva (ver por exemplo, Bion 1962: 22-24, a propósito de contra-transferência e do *écran de elementos Beta*)

Mas, ao contrário do que acontece com uma terra *exterior* devastada, é sempre possível tirar partido de uma terra *interior* devastada, tal como T.S. Elliot fez em 'Wasteland' ('A Terra sem Vida'):

'April is the cruellest month, breeding Lilacs out of the dead land,
mixing Memory and desire, stirring Dull roots with spring rain. Winter
kept us warm, covering Earth in forgetful snow, feeding a little life
with dried tubers. Summer surprised us, coming over the
Starnbergersee with a shower of rain; we stopped in the colonnade,
and went on in sunlight, into the Hofgarten, and drank coffee, and
talked for an hour.'

(T.S. Elliot, in 'The Waste Land'. 1922).



¶

16.

Neste texto tentei argumentar que cada mente humana pode ser entendida como uma *arena* onde o desenvolvimento e crescimento da subjectividade alimentam-se de, e lutam contra, as pressões do grupo, as memórias filogenéticas acumuladas durante a evolução da espécie, gravadas inconscientemente no corpo-cérebro, e as memórias culturais acumuladas.

Muito obrigado pela atenção.

I wish to discuss [one] methodological weakness in the Oedipus theory: [...] If the elements are generalized the theory becomes an ingenious manipulation of elements according to arbitrary rules – the commonest formulation of this suspicion of the theory is the criticism that analyst and analysand indulge a taste for jargon
Bion, 1962; ‘Learning from Experience’

Todo o conhecimento é assim uma catástrofe...A crise de um paradigma anuncia uma catástrofe, uma mudança de sentido e tem também associada uma dor. A todo o momento assim o é, a todo o momento o ser humano é obrigado a reverter o sentido daquilo que sabe...Avancemos, pois, agora que quase acordámos.
Amaral Dias, 1994; ‘O meu problema é não ter título’

Palavras-chave: teoria do pensamento (Bion), contextos culturais, campos socio-emocionais, selecção natural.

REFERÊNCIAS

- Bion
- 1946 'The Leaderless Group Project' *Bulletin of the Menninger Clinic* 10. pp.77-81
- 1948 'Psychiatry at a Time of Crisis' *British Journal of Medical Psychology* 21 (2). pp. 81- 9.
- 1952 'Group dynamics: a review' *International Journal of Psychoanalysis* (32) 2:
- 1961 *Experiences in Groups and Other Papers*. Londres. Routledge
- 1962 *Learning From Experience*. Londres: Heinman.
- 1967 *Second Thoughts*. Londres: Karnac Books
- 1970 *Attention and Interpretation*. Tavistock; reprinted Karnac, 1984, also in *Seven Servants* (1977).
- 1978 *Bion in New York and Sao Paulo*, Perthshire: Clunie Press;
- 1979 *The Dawn of Oblivion*. Perthshire: Clunie Press
- 1990 *A Memoir of the Future*. Londres: Karnac Books
- 1992 *Cogitations*. Londres: Karnac Books.
- Blomfeld. O.H.
- 1987 'Human Destructiveness: An Essay on Instinct, Foetal Existence and Infancy'. *Int. R. Psycho-Anal.* 14. pp.21-32
- Cannon, W.
- 1939 *The Wisdom of the Body / by Walter B. Cannon* Classics of Medicine Library, c1989, 1939
- Cartwright, J.
- 2000 *Evolution and Human Behaviour*. LondRES: MacMillan.
- Catanzaro, D.
- 1986 'A Mathematical Model of Evolutionary Pressures Regulating Self-Preservation and Self-Destruction'. *Suicide and Life-threat Behavior* 16. pp. 166-181

- Dias, C A.
1994 'O Meu Problema É Não Ter Título', In *Caos & Meta-Psicologia*. Editado por C. Amaral Dias e L. Sousa Ribeiro; N.I.U/A.E.I.S.P.A. Lisboa: Fenda.
- Dias, C. A.; Sousa Ribeiro, L
1994 *Caos & Meta-Psicologia*. N.I.U/A.E.I.S.P.A. Lisboa: Fenda.
- Edelman, G.
1992 *Bright Air Brilliant Fire: On the Matter of the Mind*. Penguin Books
- Grotstein, J.
1999 *O Buraco Negro*. Lisboa: Climepsi.
- Hamilton, W.D.
1964 'The Genetic Evolution of Social Behavior'. *Journal of Theoretical Biology*, 7. pp.1-16.
- Lifton, R.J.
1979 *The Broken Connection. On Death and the Continuity of Life*. Nova Iorque: Simon and Schuster.
- Miller G.
2000 *The Mating Mind: How Sexual Choice Shaped the Evolution of Human Nature*. Londres: Heineman.
- Popper, K.
1977 'Part I' in Popper, K. and Eccles, J. *The Self and Its Brain*. Nova Iorque: Springer International.
- Torres, N.
2007 'Disorders of Emotional Containment and their Somatic Correlates. The Protomental Nature of Addictions, Self-harm and Non-communicable Diseases'. Tese de PhD, Centre for Psychoanalytic Studies: University of Essex (Outubro de 2007)
- Trotter, W.
1916 *Instincts of the Herd in Peace and War*. Londres: Unwin
- Trotter, W.
1932 'Art and Science in Medicine'. In *The Collected Papers of Wilfred Trotter (1941)*. Editado por W.R. Trotter. Londres: Geoffrey Cumberlege, Oxford University Press.
- Wilson, E. O.
1975 *Sociobiology: The New Synthesis*. Londres e Cambridge: Harvard University Press.

A Alvorada e o Crepúsculo do Homem: A Propósito da Psicologia Evolutiva Grupal de Trotter e Bion

The Dawn and Dusk of Man: Trotter and Bion's Evolutionary Group Psychology

Sumário

É proposta uma posição epistemológica segundo a qual as ideias de mente individual e de mente desincorporada representam reducionismos que dificultam radicalmente a compreensão dos fenómenos humanos; esta posição integra as noções de contextos culturais, campos socio-emocionais, pressões sociais, estruturas somáticas da emoção, selecção natural e selecção sexual e extinção de espécies. Argumenta-se que cada mente humana pode ser representada metafóricamente como uma arena na qual a subjectividade individual luta com as pressões do grupo e integra experiências e memórias filogenéticas acumuladas durante milhões de anos de evolução das espécies e que estão registadas no corpo-cérebro.

Summary

A radical stance is proposed, according to which the ideas of a) an 'individual' mind, as well as of b) a 'disembodied' mind, are no more than reductionisms that hinder seriously the understanding of humanity, integrating the notions of cultural contexts, socio-emotional fields, social pressures; about generation of thoughts, and absence of thinking, somatic structures of emotion, natural selection and sexual selection, and thriving and extinction of species. It is argued that every human mind is an arena where our 'individual' subjectivity struggles with its own group pressures, and also with the experiences and phylogenetic memories accumulated for millions of years of evolution of a whole species, unconsciously imprinted in the body-brain.